

# OS PRESSUPOSTOS DO MATERIALISMO HISTÓRICO DIALÉTICO E SUAS IMPLICAÇÕES PEDAGÓGICAS

Ana Claudia Cesewenka Batista; Camila Pacheco dos Santos; Glaucineide Silva de Souza e Simone da Silva Marques<sup>1</sup>  
Fábio Augusto Gomes<sup>2</sup>  
Karolina Siebert Sapelli Schadeck<sup>3</sup>  
Marlene Lucia Siebert Sapelli<sup>4</sup>

## Resumo

O objetivo desse artigo é, coletivamente, a partir das discussões feitas no Programa de Iniciação Científica, vinculado ao Projeto de Pesquisa intitulado “Fundamentos filosóficos do currículo”, realizado na Universidade Estadual do Centro Oeste (Guarapuava/PR), discutir alguns pressupostos do materialismo histórico dialético. O entendimento, mesmo que não completo contribui para se construir elementos que auxiliam na compreensão das implicações pedagógicas da adoção desses pressupostos na elaboração de propostas curriculares que será objeto de estudo de alguns dos autores, após esse estudo inicial. Selecionamos alguns desses pressupostos para buscar essa compreensão e entender sua relação com a concepção de desenvolvimento e aprendizagem em Vygotsky. A pesquisa foi realizada por meio de estudo coletivo, consulta e análise de bibliografias específicas.

**Palavras- chave:** materialismo histórico dialético; fundamentos filosóficos e psicológicos; desenvolvimento e aprendizagem

## Justificativa

O que justifica a escolha dessa temática para pesquisa é justamente nossa opção pela pedagogia histórico-crítica (apesar de compreendermos seus limites). Para compreender essa pedagogia faz-se necessário aprofundar o entendimento sobre seus fundamentos, portanto, no campo da filosofia e sociologia do materialismo histórico dialético e no campo da psicologia dos estudos de Vygotsky.

---

<sup>1</sup> Alunas do 4º. ano do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Centro Oeste (Guarapuava/PR), em 2010, integrantes do Projeto de Iniciação Científica sobre Fundamentos de currículo, tendo como bolsista a aluna Ana Claudia Cesewenka Batista (também graduada em Letras Português e suas literaturas); e-mail: [cesewe@hotmail.com](mailto:cesewe@hotmail.com); [camila\\_pacheco12@yahoo.com.br](mailto:camila_pacheco12@yahoo.com.br); [glaucianeide@hotmail.com](mailto:glaucianeide@hotmail.com); [simonemarques80@hotmail.com](mailto:simonemarques80@hotmail.com).

<sup>2</sup> Pedagogo Escola Municipal Professora Maristella Tussi (Pinhão), Especialista em gestão e práticas pedagógicas, graduado em Pedagogia e graduando em Filosofia pela Universidade Estadual do Centro Oeste do Paraná, e-mail: [mindigao@hotmail.com](mailto:mindigao@hotmail.com)

<sup>3</sup> Psicóloga, docente do curso de Psicologia da Faculdade Guairacá (Guarapuava/PR), especialista em Educação Especial; e-mail: [karol\\_sapelli@hotmail.com](mailto:karol_sapelli@hotmail.com)

## **Objetivo**

O objetivo desse artigo é, coletivamente, a partir das discussões feitas no Programa de Iniciação Científica, vinculado ao Projeto de Pesquisa intitulado “Fundamentos filosóficos do currículo”, realizado na Universidade Estadual do Centro Oeste (Guarapuava/PR), discutir alguns pressupostos do materialismo histórico dialético. O entendimento, mesmo que não completo contribui para se construir elementos que auxiliam na compreensão das implicações pedagógicas da adoção desses pressupostos na elaboração de propostas curriculares que será objeto de estudo de alguns dos autores, após esse estudo inicial. Selecionamos alguns desses pressupostos para buscar essa compreensão e entender sua relação com a concepção de desenvolvimento e aprendizagem em Vygotsky.

## **Discussão teórica**

As concepções que construímos acerca de como é o homem, de como se humaniza são diversas e explicam posições antagônicas e têm consequências em várias áreas da vida humana: na relação entre pais e filhos, nos encaminhamentos didático-pedagógicos, nas teorias administrativas, nas posições religiosas e outras. Podemos nos perguntar se ao nascer o homem traz definido o que virá-a-ser, se é determinado pelo meio ou se ao produzir sua existência modifica o outro, a natureza e é transformado.

Optar por um ou outro entendimento não é um ato da inteligência apenas, está relacionado ao nosso próprio processo de constituição que é histórico. Ao fazer essa afirmação já estamos anunciando nossa opção em explicar a constituição do ser humano a partir do trabalho. Apresentamos a seguir alguns pressupostos do materialismo histórico dialético que nos ajudam a compreender a concepção de desenvolvimento e aprendizagem de Vygotsky.

### **a) Não existe essência humana dada a priori**

É muito comum expressões do tipo “já nasceu para isso” ou “herdou dos pais”. Ou “o ser humano é ambicioso, egoísta por natureza”. Tais afirmações têm implícita a compreensão de uma natureza humana dada a *priori* e até imutável. Esta forma de conceber a natureza humana está muito presente nas posições mais conservadoras que a usam para

---

<sup>4</sup> Coordenadora do projeto de pesquisa sobre Fundamentos de currículo, professora do Departamento de Pedagogia da Universidade Estadual do Centro Oeste (Guarapuava/PR), doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (Florianópolis/SC); e-mail: [marlenesapelli@yahoo.com.br](mailto:marlenesapelli@yahoo.com.br)

justificar o próprio capitalismo que, segundo eles, é fortalecido pela natureza egoísta e individualista do ser humano. Lessa e Tonet (2008, p. 13 e 14) afirmam que

O argumento fundamental da maior parte das teorias conservadoras não é nenhuma novidade: afirmam que há uma essência dos indivíduos humanos que os torna individualistas; e que essa essência, justamente por ser imutável, não poderia ser alterada pela história. Para eles, a história nada mais seria que a afirmação, em diferentes momentos e sob formas distintas dessa mesma essência mesquinha dos homens. Por isso, segundo eles, o máximo que se pode almejar é desenvolver o mercado e a democracia que, para eles, são as melhores e mais civilizadas formas de disputa entre os indivíduos, não passando de um mero sonho a proposta de Marx de uma sociedade de classes. Como poderia ser abolida a sociedade de classes, perguntam eles, se os homens são essencialmente marcados pela propriedade privada, se são individualistas, mesquinhos e egoístas?

Essa concepção produz em muitos um sentimento de impotência social que favorece a manutenção do *status quo* da sociedade, pois se nascemos determinados não há o que fazer, assim o maior esforço resultaria em mudanças insignificantes. Nem todos concordam com essa posição. Para Marx,

A natureza humana não é algo fixado pela natureza, mas, pelo contrário, uma “natureza” que é feita pelo homem em seus atos de “autotranscendência” como ser natural. É desnecessário dizer que os seres humanos – devido à sua condição biológica natural – têm *apetites* e várias propensões naturais. Mas no “ato autotranscendente consciente de vir-a-ser” eles se transformam em *apetites* e propensões *humanos*, modificando fundamentalmente o seu caráter, passando a ser algo *inerentemente histórico*. [...] Dessa maneira, só é possível falar de “natureza humana” em um sentido: no sentido cujo centro de referência é a mudança histórica, e sua base a sociedade humana. (MÉSZÁROS, 2006, p. 156)

Essa afirmação traz elementos importantes para refletirmos sobre o que se torna o ser humano. Veja, se a natureza humana não é algo fixado *a priori*, significa que não nascemos para ser algo pré-definido e estamos acabados. Pelo contrário, significa que nascemos com possibilidades e que não há um determinismo. Não negamos aqui que temos uma carga biológica, genética, mas defendemos que não é ela que determina o que iremos ser. Para Marx, a sociedade é a segunda natureza do homem, pois as necessidades naturais são transformadas por ela (MÉSZÁROS, 2006), portanto o ser humano é um *ser natural social*.

Marx discute que não há uma natureza fixa do homem, que ele não é nem bom, nem mal, ele se torna, por sua própria atividade, aquilo que é num determinado momento. Se a atividade for transformada, a essência humana também o é. No processo capitalista de produção há uma condenação do ‘ser’ e uma exaltação do ‘ter’, portanto não há a realização

da natureza humana de fato. A realização da natureza humana, segundo Marx, não se dá pela concorrência, mas pela associação consciente, que possa liberar o homem do egoísmo institucionalizado, que possa fazê-lo superar a reificação, o trabalho abstrato e os apetites imaginários. (MÉSZÁROS, 2006)

#### **b) O ser humano é produto do trabalho**

Antunes (2004), ao analisar os escritos de Engels, afirma que neles o autor considerava o trabalho condição básica e fundamental de toda a vida humana ao ponto de afirmar que o trabalho criou o próprio homem. O próprio corpo do homem foi se transformando nesse processo, portanto, em parte, é produto dele. O trabalho coletivo levou à necessidade da linguagem. Com o trabalho e com a palavra articulada, o próprio cérebro foi se transformando. Com isso as necessidades humanas foram se modificando e, em consequência, também sua forma de viver. Passou a fazer uso do fogo, a domesticar os animais, a caçar, a pescar, a dedicar-se à agricultura e, mais tarde, à fiação e à tecelagem, à elaboração de metais, à olaria e à navegação. O homem foi modificando a forma de trabalhar e no, mesmo processo, a si mesmo. Isso nos faz entender que o homem é produto produtor do que produz.

Assim, o homem foi atuando sobre a natureza cada vez de forma mais intencional. Passou a planejar o trabalho. Segundo Katz, Braga e Coggiola (1995, p. 11) “o intercâmbio que o homem realiza com a natureza mediante o trabalho não é um ato instintivo-biológico, mas uma ação consciente”. O trabalho humano acontece de forma elaborada, intencional e consciente. Isso significa dizer que o trabalho humano é planejado, o ser humano é capaz de prever possíveis resultados. Depois dessa prévia ideação é capaz de converter em objeto, isto é, é capaz de objetivação que só foi possível pela evolução da sociedade anterior. Pode-se afirmar que quando o indivíduo transforma a natureza (objetiva a idéia) toda a sociedade se modifica, e o conhecimento objetivado passa a ser de toda a sociedade que pode aprimorá-lo.

Duarte (2007) menciona que,

o trabalho é parte da vida cotidiana antes de mais nada porque sem ele o indivíduo não pode reproduzir sua existência...mesmo numa sociedade onde o tempo e a energia não sejam vendidos em troca de sobrevivência, os seres humanos precisarão desenvolver uma atividade voltada tanto à produção do ser da sociedade quanto a reprodução dos indivíduos singulares (p.44)

Percebe-se que por meio do trabalho, o homem procura o seu sustento, mas como o trabalho acontece de forma elaborada e intencional, o objetivo maior passa a ser a

reprodução da sociedade, quanto mais alienante for o trabalho, quanto mais o sujeito ficar alheio a todo o processo de produção, melhor para a sociedade capitalista, pois o produto do trabalho alienante se concretiza, e para a sociedade capitalista é isso que importa, o produto final. Toda essa transformação ao longo da história, em relação ao trabalho, contribuiu para a sociedade que temos hoje, que foi bem elaborado por alguns e executado por outros, limitando tanto o indivíduo quanto a sociedade de seu desenvolvimento por reduzir a essência humana ao capital.

### **c) A consciência humana vem do social**

Ao longo da história os pensadores tentaram explicar a formação da consciência. Todavia, Marx foi além da investigação de muitos filósofos e pensadores e criou uma nova teoria - o materialismo histórico dialético - que superou até mesmo a teoria de Hegel e de Feuerbach. Uma das questões defendidas por Marx é que a consciência vem do social, pois está inteiramente ligada com a condição material em que o sujeito está situado no processo de produção. No entanto, para muitas pessoas, a formação da consciência está desvinculada da vida social do sujeito. Mas ao ver de Marx esta afirmação é inteiramente falsa, pois, é justamente a vida social que determina a formação e transformação da consciência humana.

É ao longo da vida que a formação da consciência do indivíduo é desenvolvida, ou seja, é construída como afirma Marx “historicamente”, a partir das relações estabelecidas na sociedade, organizada num determinado modo de produção. Assim, pode-se afirmar que não é o sujeito que tem autonomia para determinar sua consciência, mas ao contrário, é nas relações que o sujeito se modifica e modifica a sua consciência, e ao modificar a consciência modifica sua relação com o outro e com o meio. Há uma ação recíproca.

O lugar que o sujeito ocupa dentro da sociedade é outro fator importante para a formação de sua consciência. Segundo a visão de Marx um burguês terá uma consciência de classe diferente de um proletário. Segundo Silva (2006, p.87):

Os proprietários dos meios de produção teriam uma consciência de classe mais conservadora por que se encontram em uma situação de privilegiados, situação de dominadores e de exploradores. Os proletários, ao contrário, seriam portadores de uma consciência de classe revolucionária, pois a experiência da exploração e da dominação a que são submetidos na produção econômica, os leva a querer mudanças em seu ser social, ou seja, na situação de explorados e dominados em que se encontram.

Diante da afirmação de Silva percebe-se que a formação da consciência está inteiramente ligada à vida social, ou seja, as relações no processo de produção são fundamentais para a determinação da consciência de classe no sujeito.

O homem difere-se dos animais porque tem o poder de transformação da natureza e mais que tudo tem o poder de objetivação sobre ela, tudo isso dependendo das relações que estabeleceu ao longo da vida. Assim, chega-se à conclusão que a transformação da consciência é algo dinâmico e está em constante evolução mediante aos acontecimentos do processo de produção econômica.

A consciência do sujeito é dinâmica como as relações, transformando-se a cada etapa. Diante das circunstâncias em que se encontra no processo de produção sua consciência é transformada. Um capitalista tem, em geral, uma consciência de classe conservadora, pois tem a consciência dos benefícios que o capital gera para si, diferentemente de um sujeito da classe trabalhadora que pode ter uma consciência de mudança que visa à redistribuição dos bens do capital, constituindo uma consciência de classe diferenciada a partir da condição econômica em que se encontra o sujeito. Isso é controverso uma vez que um sujeito, mesmo não pertencendo a uma determinada classe pode ter consciência como tal classe.

O processo de produção econômica atua de maneira a preparar de acordo com suas exigências. Pretende formar uma consciência alienada que se enquadre ao processo, para que cada vez mais o capitalista obtenha a mais valia. Todavia, a construção e transformação da consciência não é algo neutro nem tão pouco mecânico, mas sim dialético. A todo o momento se transforma e modifica os outros por meio das relações sociais e relações de produção. Segundo Silva (2006, p.88):

É nessa relação dialética entre o sujeito e o ser social que surge a possibilidade de formação dos agrupamentos sociais, ou melhor, das “classes sociais” enquanto conjunto de indivíduos que, por estarem em situações semelhantes no processo de produção econômica, tendem a possuir idéias e representações semelhantes, mas, ao tempo, divergentes e antagônicas em relação às idéias e representações daqueles que se encontram, também, em situações antagônicas.

#### **d) Existem condições básicas para se fazer história, ligadas às necessidades humanas**

Uma das principais características da ideologia capitalista é culpabilizar o indivíduo por todas as suas atitudes e pelos resultados decorrentes das mesmas. Sendo assim, é fácil verificar que o imaginário das pessoas está tomado pela convicção de que o sucesso e o fracasso de cada um são resultado única e exclusivamente de seu próprio esforço, sem levar em consideração as condições materiais que tal indivíduo possui no contexto no qual está inserido. Tal ideologia transmite a idéia de que o legado produzido pelo homem e transmitido às próximas gerações depende apenas de talento e iniciativa própria.

Entretanto, tal interpretação acerca da realidade mostra-se limitada. É preciso considerar que o homem, mesmo sendo sujeito da história de sua própria espécie, precisa de algumas condições básicas para que possa fazer acontecer tal história. Para tanto o homem

precisa, em primeiro lugar, estar vivo, e este fato só pode decorrer de uma série de condições: alimentação adequada, vestimenta, sono, lazer, moradia, entre outros. É importante ressaltar que na sociedade capitalista em que vivemos, onde nem todos têm acesso a tais condições, alguns homens chegam a perder a vida por conta de tal limitação, ficando impedidos de continuar a construir a história.

Marx e Engels (2007) dão sustentação a tal afirmação, dizendo que:

O primeiro pressuposto de toda a história humana é, naturalmente, a existência de seres humanos vivos. A primeira situação a constatar é, portanto, a constituição corporal desses indivíduos e, sua conexão com a natureza em geral. (...) Toda a historiografia deve partir desses fundamentos naturais e de sua transformação pela ação dos homens no curso da história. (p. 44)

Os autores afirmam ainda que o homem produz seus meios de existência e, por consequência, sua vida material. Entretanto, esta produção depende dos meios de vida e das condições materiais já encontrados no contexto no qual tal homem está inserido. “A forma pela qual os homens produzem seus meios de vida depende sobretudo da natureza dos meios de vida já encontrados e que eles precisam reproduzir” (MARX E ENGELS, 2007, p.44).

Santos (*apud* VÉRAS, 1999) afirma ainda que a existência dos bens e serviços indispensáveis não é suficiente; é necessário que tais benefícios estejam disponíveis para uma coletividade. Até porque devemos levar em consideração que a história da espécie humana não é construída de maneira individual, por heróis ou ícones da história como os currículos escolares costumam mostrar. É a coletividade, a ação dos homens como um todo, que será capaz de fazer com que a história continue em movimento.

Outra questão importante para reflexão acerca do tema é o legado histórico que alguns homens deixam mesmo depois de perderem a vida. Produções teóricas, invenções importantes e ações realizadas no cotidiano são elementos importantes que podem continuar influenciando outros homens, e por consequência sua história. Sendo assim, pode-se até afirmar que a produção histórica do homem não se perde com sua morte; entretanto, é necessário que homens vivos (e portanto com acesso às condições citadas acima) tenham acesso e façam uso de tal legado para continuar fazendo história.

#### **e) Não são as idéias, mas as relações concretas que mudam a vida**

A realidade social é considerada uma concretude histórica, um conjunto de relações concretas que foram construídas pela sociedade ao longo do tempo. Cada sociedade

é representada pela sua totalidade, havendo então diversas formas de organizações humanas. Segundo Marx, é necessária a existência do homem, para que este possa pensar.

A produção de idéias, de representações, da consciência, está de início, diretamente entrelaçada com a atividade material e com o intercâmbio material dos homens, como a linguagem da vida real. O representar, o pensar, o intercâmbio espiritual dos homens, aparecem aqui como emanção direta de seu comportamento material. O mesmo ocorre com a produção espiritual, tal como aparece na linguagem da política, das leis, da moral, da religião, da metafísica etc. de um povo. Os homens são produtores de suas idéias etc.

Toda sociedade tem sua base econômica, que está relacionada às formas de produção de bens necessários para a sobrevivência, então o trabalho é indissociável da existência humana. O modo de produção está relacionado com as forças produtivas e com as relações sociais de produção. Essas são modificadas a cada momento, e por isso são determinadas historicamente. O homem trabalhando está produzindo sua existência de forma concreta. A cada mudança nessa maneira de produção faz com o que mude a maneira de viver também. Assim, para Marx, não são os pensamentos que determinam a vida; é a vida que determina os pensamentos: esta é uma das bases do materialismo histórico em contraposição ao idealismo hegeliano.

Totalmente ao contrário que ocorre na filosofia alemã, que desce do céu à terra, aqui se ascende da terra ao céu. Ou, em outras palavras: não se parte daquilo que os homens dizem, imaginam ou representam, e tampouco dos homens pensados, imaginados e representados para, a partir daí, chegar aos homens de carne e osso; parte-se dos homens realmente ativos e a partir de seu processo de vida real, expõe também o desenvolvimento dos reflexos ideológicos e dos ecos desse processo de vida. [referência](#)

Ao afirmar que não são as idéias que determinam a materialidade, parece estarmos fazendo uma afirmação óbvia. No entanto, muitas correntes idealistas disseminam a idéia contrária. A crença na força das idéias ganha um solo fértil especialmente quando vinculadas às correntes mercadológicas de ‘auto-ajuda’. Tudo se resolve na força do pensamento, são as idéias que direcionam e definem as conquistas e os sucessos de cada um.

A forma como o sujeito se relaciona, como produz sua vida material, sim, é fator decisivo para internalizar e representar o mundo e, conseqüentemente agir sobre ele. Um sujeito que nasceu num acampamento, por exemplo, que lutou pela terra, sofreu, transformou-se em assentado representa o mundo de um jeito distinto do sujeito que, filho de latifundiário, estudou na grande cidade, fixou raízes no urbano e teve uma vida de desperdícios. As



relações que estabeleceram modificaram profundamente a forma como construíram sua visão de mundo, suas idéias e, conseqüentemente a forma como se relacionam com o mundo.

#### **f) O resultado das relações sociais muitas vezes é a alienação**

Para Marx a alienação é o resultado das relações sociais e produzida pela contradição entre capital e trabalho e, segundo Mészáros (2006, p.20), é do homem em relação à natureza, a si mesmo, de seu ‘ser genérico’ e em relação a outros seres humanos.

Se a alienação parte das relações do capital com o trabalho, se faz necessário termos o entendimento sobre o trabalho e suas conseqüências dentro deste contexto. Definimos o trabalho como a ação e relação que o homem cria e produz com a natureza, com o seu semelhante e consigo mesmo para satisfazer as suas necessidades e de seu próximo e, por meio disso, ele pode adquirir consciência dos elementos que englobam a sua vida social e ativa, como também poderá estar submisso e desconhecido daquilo que criou.

Conforme Silva (2006) foi por meio das forças capitalistas engajadas nos modos de produção econômica que o trabalhador se configurou como ser alienado desse processo que, paulatinamente transformou o trabalhador independente em assalariado, não mais consciente do seu trabalho e sua produção, com isso, o trabalho assim torna-se “um meio para atingir um fim. (...) que exigirá que o trabalhador continue produzindo para o mercado e não para a satisfação de necessidades humanas”. (SILVA, 2006, p.61-62). Enfim, o trabalhador alienado objetiva os interesses financeiros de uma pequena gama da sociedade capitalista, detentora do poder e do lucro, como nas palavras de Marx (1978, p.119):

Se o produto não pertence ao trabalhador, se a ele se contrapõe como poder estranho, isto só é possível porque o produto do trabalho pertence a *outro homem distinto do trabalhador*. Se a sua atividade constitui para ele um martírio, tem de ser fonte de deleite e de prazer para outro. Só o homem, e não os deuses ou a natureza, é que pode ser este poder estranho sobre os homens.

Assim como nas esferas produtivas econômicas, a alienação também se processa nas relações sociais, nas quais os homens fazem parte, pois como ocorre a transformação do trabalhador e do produto de seu trabalho em mercadoria para a satisfação dos intentos e desenvolvimento do capital, concomitantemente, transformam-se as relações sociais e pessoais em relações de mercado e de troca equivalente proporcionada pelo dinheiro (salário).

Mészáros (2006) afirma que quando nos propusemos a compreender a teoria da alienação em Marx a análise das relações entre homem, natureza e indústria fica muito mais complexa, pois

outros elementos são incorporados, como a propriedade privada e trabalho que se opõem antagonicamente. Ao analisar as mediações de segunda ordem (forma alienada) podem perceber que os conceitos de homem e humanidade podem parecer simples abstrações filosóficas e que o trabalho passa a ser considerado como um simples fato material e não como agente humano de produção (que considera a relação ontológica fundamental), havendo, portanto uma reificação do próprio homem. Nesse processo as ciências naturais recebem suas tarefas da indústria alienada, na forma de metas de produção capitalista (desprezando as implicações e repercussões humanas últimas da realização de semelhantes tarefas, ou seja, as ciências são colocadas a serviço do capital).

Para Marx, a verdadeira pessoa humana não existe na sociedade capitalista salvo em sua forma alienada e reificada. Várias esferas teóricas não explicitam isso, pois ao estudar a sociedade fixam sua atenção em um círculo particular de atividade estranhada, fazendo-o em geral, com base numa visão a-histórica. Mézáros (2006) afirma que Marx considera que a fase ontologicamente necessária de auto-alienação reificada do trabalho está chegando ao seu final, que ela está ficando historicamente insustentável.

#### **g) A busca de superação das contradições impulsiona a história**

Para Marx (*apud* MORAES, 2000), a história é “a forja do especificamente humano mediante o trabalho” (p.20) e o “trabalho vive de sua própria contradição, produz e nega o que produz, faz-se no tempo e no espaço” (idem p.20). A partir desse entendimento é que queremos compreender a contradição como motor da história. Moraes (2000) explica que para Marx “a história é um processo temporal dotado de força interna que produz os acontecimentos em que o negativo – a contradição – atua como princípio motor que impele esse processo e leva-o para além de si mesmo” (p 21).

Muitas são as contradições presentes na história: riqueza e pobreza, classe explorada e exploradora, concentração e expropriação da terra, patrão e empregado. Os aspectos contraditórios presentes na sociedade capitalista tem existência dependente, ou seja, um não existe sem o outro, como também um não deixa de existir sem a extinção do outro. O processo que contribuiria para a superação da reificação do próprio homem exige a superação dessas e de outras contradições. Se a contradição é o motor da história, entendemos que superadas as contradições que se apresentam na contemporaneidade, outras serão engendradas e exigirão igualmente sua superação. Essa conclusão não é no sentido de nos levar a concluir que a luta é inútil, pelo contrário, que ela é necessária e tem sempre um caráter de provisoriedade, pois o devir humano não está dado, mas é forjado nas relações concretas. Segundo Moraes (2000, p. 22) “a contradição, portanto, é um motor temporal, isto

é, as relações contraditórias não existem como fatos dados no mundo, mas são produzidas. A história é, justamente, o movimento de produção e de superação das contradições”.

Esses são alguns dos pressupostos do materialismo histórico dialético. Se os compreendermos perceberemos claramente que essa perspectiva se opõe ao idealismo, pois o idealismo afirma e defende a primazia da idéia, do espírito, do pensamento, da consciência sobre o material, sendo que tudo o que é finito é tido como não verdadeiro, seja o ser com a própria realidade das coisas sempre afirmando uma extensão do corpóreo tendo com base uma idéia intuível numa imensidão de objetos ditos reais, pautando-se por meio de conceitos racionais inexistentes na experiência (realidade) que apenas pode se aproximar da idéia ou conceito puro, mas nunca alcançar.

Para o idealismo conhecer é “dar forma à matéria” (PASCAL, 2005.p. 37), o que consiste basicamente em reconhecer que o material e a realidade são apenas contingentes e variam de um objeto a outro. A forma é imposta apenas pelo sujeito cognoscente, que por meio da razão, trabalha com os conceitos universais fruto de suas intuições e pensamentos, dando significado a realidade. A experiência permite apenas constatar que a realidade nos é dada desta ou daquela maneira, mas não explica o porquê aconteceu desta ou daquela forma, sendo a razão a única fonte de proposições universais capaz de elucidar tais realidades.

Portanto, o idealismo e suas proposições se opõem radicalmente às teses defendidas pelo materialismo aqui apresentadas creditando a elas apenas formas de descrições e análises do mundo.

Os pressupostos discutidos (do materialismo histórico dialético) dão sustentação a várias correntes que se apresentam em várias áreas: pedagogia (como por exemplo, na pedagogia histórico crítica), sociologia, filosofia, psicologia e outros. Também aparecem em algumas propostas curriculares, como no caso de algumas Diretrizes Curriculares para a Educação Básica do estado do Paraná (2008). A adoção desses pressupostos nos colocam diante do processo de educação de forma bastante complexa. Quem contribui para refletirmos sobre isso é Mészáros (2006) que afirma que a educação está intimamente relacionada com as questões mais amplas e contraditórias da sociedade. O autor afirma que não podemos negar que os processos sociais mais abrangentes de reprodução e os processos educacionais estão intimamente ligados e tem por objetivo corrigir defeitos da ordem estabelecida para contribuir na sua manutenção. Mesmo assim, o autor entende que há a possibilidade de confrontar as forças hegemônicas com as alternativas viáveis, mas que em alguns momentos essas alternativas permaneceram dentro dos limites da perpetuação do domínio do capital e com caráter reformista. O autor considera o capital

irreformável, incorrigível. Essa limitação das mudanças faz com que seja abandonado o objetivo de transformação social qualitativa. Seria preciso, num outro sentido, romper com a lógica do capital.

O autor afirma que nos últimos 150 anos a educação institucionalizada serviu, em geral, ao objetivo de fornecer conhecimentos e pessoal à máquina produtiva e também de transmitir quadros de valores que legitimam os interesses dominantes. As determinações gerais do capital interferiram sempre na definição dos processos educacionais, segundo o autor. Nesse sentido, entende que o papel da educação acaba sendo no sentido de ‘assegurar que cada indivíduo adote como suas próprias as metas de reprodução objetivamente possíveis do sistema’, ou seja, a educação passa a ser um processo de ‘internalização’ de ‘interiorização’ dos ‘princípios reprodutivos orientadores dominantes’ e a produção de consenso. Isso não significa, segundo o autor, entender a educação como ideologicamente primária e nem como alternativa emancipadora radical. O autor considera que a tarefa das instituições formais é romper com a lógica do capital no interesse da sobrevivência humana, mas isso seria um milagre monumental, segundo ele. Para cumprir essa tarefa as instituições deveriam buscar soluções essenciais e não apenas reformar o sistema educacional.

Mészáros (2006) também questiona se é possível a aprendizagem conduzir à auto-realização de indivíduos socialmente ricos humanamente e se o conhecimento poderia ser um instrumento para que isso acontecesse. Novamente reforça que os reparos institucionais formais significam, em geral, permanecer aprisionado ao círculo vicioso da lógica autocentrada do capital. Romper esse círculo vicioso é inconcebível para o autor se não enfrentarmos o modo de internalização historicamente prevalecente. Temos que lutar por uma educação plena para toda a vida, que promova uma atividade contra-internalização, que não se esgote na negação. É preciso, segundo o autor, construir uma contraconsciência que seria uma alternativa para a humanização.

O autor afirma que vivemos numa situação complicada de exploração e alienação e que diante dela se faz necessário construir uma intervenção consciente no processo histórico, negando radicalmente toda a estrutura de comando político do sistema. Nesse processo o papel da educação, segundo o autor, é muito significativo. Há, segundo ele, um processo de reformismo que se recusa a abordar as contradições do sistema. Se o papel da educação é significativo, devemos nos comprometer em universalizar a educação formal e construí-la na perspectiva da auto-realização humana. A educação para além do capital, proposta pelo autor, visa a uma ordem social diferente.

Adotar os pressupostos marxistas exige compreender a educação para além das paredes da escola, considerando seus determinantes sociais, políticos, econômicos, religiosos, de classe. Também exige no interior dela (e fora dela) assumir algumas perspectivas diferentes de concepção de desenvolvimento e aprendizagem, de avaliação, de organização do trabalho pedagógico. Um dos autores que tem como base os pressupostos discutidos é Vygotsky, que tem como elemento chave a abordagem dialética, admitindo a influência da natureza sobre o homem e entendendo que o homem age sobre a natureza “e, cria, através das

mudanças provocadas por ele na natureza, novas condições naturais para sua existência” (VYGOTSKY, 1991, p. 70). É a partir desse entendimento que o autor explica sua concepção de desenvolvimento e aprendizagem que considera como processos distintos, mas interdependentes e permanentes. Para ele o

desenvolvimento é o processo dialético complexo caracterizado pela periodicidade, desigualdade no desenvolvimento de diferentes funções, metamorfose ou transformação qualitativa de uma em outra forma, embricamento de fatores externos e internos, e processos adaptativos que superam os impedimentos que a criança encontra. (VYGOTSKY, 1991, p. 83)

Para o mesmo autor (1991) a aprendizagem é um aspecto necessário e fundamental do processo de desenvolvimento das funções psicológicas superiores e adequadamente organizada põe em movimento vários processos de desenvolvimento. A aprendizagem impulsiona o desenvolvimento e se dá na relação com os outros, portanto, tem uma natureza social. Para ele, tanto um como outro são processos influenciados por fatores externos e internos e ocorrem permanentemente, não tendo um momento de acabamento. São, para ele, portanto, processos sempre provisórios, em transformação. Compreender dessa forma só é possível a partir do entendimento marxista do homem, enquanto sujeito inacabado, que se produz nas relações com os outros.

Adotar o entendimento que tanto o desenvolvimento como a aprendizagem são processos permanentes exige de nós mudança nos encaminhamentos didático-pedagógicos e na concepção de conhecimento. A partir dessas considerações, em resumo, podemos explicar que, se entendemos que a natureza humana não está dada *a priori* e que o ser humano se produz pelo trabalho, conseqüentemente entendemos que há um processo permanente de educação (MÉSZÁROS, 2006), de desenvolvimento e aprendizagem e, por isso, nossa relação com os educandos é modificada significativamente e nosso papel passa a ser de mediador.

Nossa ação passa a ser significativa e não termina no primeiro sinal de dificuldade ou fracasso do educando (que não é atribuída ao próprio sujeito). Nessa perspectiva de compreensão nosso compromisso com a aprendizagem e o desenvolvimento aumenta, uma vez que não os atribuímos nem só aos aspectos hereditários nem ao meio, mas às relações humanas situadas sócio-historicamente.

Em conseqüência disso, o processo de avaliação e o papel da mesma mudam. Ela passa a ser o instrumento de diagnóstico para que possamos atuar sobre os processos de

desenvolvimento que ainda estão em formação e exige que se adote o entendimento de que o bom aprendizado se antecipa ao desenvolvimento. As observações feitas no processo de avaliação devem contribuir para rearticular as estratégias educativas objetivando justamente a aprendizagem e o desenvolvimento num processo permanente.

## Resultados

A compreensão desses pressupostos e da implicação da sua adoção nos processos pedagógicos representa um importante instrumento que deve ser construído nos processos de formação de professores, para que os mesmos possam construir um processo educativo que represente a possibilidade de contribuir para uma educação permanente e com vistas a um outro jeito de organização social. O resultado deve ser também o entendimento sobre a provisoriidade do desenvolvimento humano e a necessidade de comprometer-se, como educador, com um processo permanente de transformação do sujeito e da sociedade.

## Referências

- ANTUNES, Ricardo. **A dialética do trabalho**. São Paulo: Expressão Popular, 2004.
- FROMM, Erich. **Conceito Marxista do homem**. 5.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1970
- KATZ, Cláudio; BRAGA, Ruy e COGGIOLA, Osvaldo. **Novas tecnologias: crítica da atual reestruturação produtiva**. São Paulo: Xamã, 1995.
- MÉSZÁROS, István. **A teoria da alienação em Marx (Capítulo VII)**. Tradução Isa Tavares. São Paulo: Boitempo, 2006.
- MARX, Karl. **Manuscritos econômicos-filosóficos**. São Paulo: Martin Claret, 2004.
- MORAES, Maria Célia Marcondes de. **Reformas de ensino, modernização administrada: a experiência de Francisco Campos – anos vinte e trinta**. Florianópolis: UFSC, Centro de Ciências da Educação, Núcleo de Publicações, 2000.
- PASCAL, George. **Para compreender Kant**. São Paulo: Vozes, 2002.
- SILVA, José Otacílio da. **Elementos de Sociologia Geral: Marx, Durkheim, Weber, Bourdieu/**. José Otacílio da silva. 2.ed. Cascavel: Edunioeste, 2006.
- VÉRAS, Maura Pardini Bicudo. Exclusão social – um problema de 500 anos. In: SAWAIA, Bader.(org.) **As artimanhas da exclusão – análise psicossocial e ética da desigualdade social**. Petrópoli, RJ: Vozes, 1999.
- VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

A ideologia alemã - Feuerbach – a contraposição entre as cosmovisões materialista e idealista. Marx e Engels. Tradução: Frank Müller. Editora Martin Claret. 2007. São Paulo-SP. Título Original: Die Deutsche Ideologie, 1932.

